



QUANDO MENTIR É COBRIR UM ESPAÇO VAZIO : REFLEXÕES SOBRE A MENTIRA INFANTIL EM WINNICOTT

Maria Vitória Campos Mamede MAIA

Doutoranda em Psicologia Clínica da PUC-RJ –RJ- Brasil.



RESUMO:

A infância atualmente traz como característica atos que Winnicott define como anti-sociais. Há dois protótipos típicos: o roubo e destrutividade, articulando-se a eles a mentira. Estes significam pedido de socorro da criança à sociedade. A criança anti-social é uma criança carente em relação a um meio que com ela falha. Esses atos não são conscientes. Não adianta perguntarmos às crianças por que agem dessa forma. A mentira é a tentativa de fornecer ao adulto uma explicação que a criança não encontra em si mesma, enquanto for obrigada a falar do que não sabe e temer as conseqüências de não saber explicar o que fez. **Palavras-chave:** mentiras infantis, tendência anti-social, funções parentais, psicanálise

ABSTRACT:

Childhood displays some characteristics that Winnicott has denominated as anti-social. There are two kinds of such behaviors: theft and destructiveness. Neither can be separated from the act of lying. Such behaviors are the only way found by some children to call attention for their desperate need for help. It is important to have in mind that those acts are not conscious. There's no point in asking them "why do they act like that"- they don't know and if we insist we'll get lies for an answer. Lying in such cases is the tentative answer, coming from the child, to provide the adult with some "reasonable" explanation, that the child herself ignores.

Keys-words: childhood lies, antisocial tendency, parental's function, psychoanalysis



Acredito que podemos começar a pensar sobre as mentiras infantis a partir de um fragmento literário clariciano, escrito em *A descoberta do mundo*. Em sua reflexão, essa escritora relaciona a mentira com o pensar. Vejamos:

Uma “mentira” cria um mundo quando ela gera um espaço de ilusão .

“O bebê diz (sem palavras, é claro): “Estou precisando de ...” e neste momento a mãe vira o bebê de lado ou se aproxima com as coisas necessárias para alimentá-lo, e o bebê pode, então, completar a frase: “... uma mudança de posição, um peito, mamilo, leite, etc., etc.”

(Winnicott)

Comecemos devagar! Nessa questão da mentira algumas questões se impõem a partir desse fragmento, que são o que Clarice situa como “falsa verdade”, o que ela delimita como “imposição limitadora do pensar e do modo certo de pensar” e o que ela enfatiza como sendo uma “mentira criadora”. Talvez devêssemos ir um pouquinho mais devagar ainda e partirmos do título do livro que contém essa crônica: “A descoberta do mundo”. Como se descobre o mundo? O que a mentira significa na descoberta do mundo? Por que uma criança pequena mente? Ou, indo até mais longe, por que mentimos?

O bebê descobre o mundo a partir e através do olhar materno. É assim que um ser tão pequenino, e tido como frágil pela maioria das pessoas, consegue se constituir como um ser independente: olhando o mundo ou descobrindo o mundo pelo olhar da mãe. Cabe a essa mãe ser um “filtro” do mundo ao seu bebê, diria Ferenczi, dando a ele aquilo que ele imagina estar lá, no mundo, para ser visto. Ela não deve aparecer para ele como “mãe”, e o mundo não deve aparecer para ele como sendo “mundo”; tudo deve estar lá para jamais ser percebido como estando ou existindo, e somente aparecendo ao bebê quando ele acreditar que este ou ela, a mãe, deveriam estar lá, e assim, ambos, aparecem a esse ser tão pequenino como criação dele e não como uma imposição a ele.

Essa mãe, para agir dessa maneira, deve ter o que Winnicott denomina de senso comum de ser mãe, deve ser capaz de “adoecer” e passar a sentir e ver o mundo através dos sentidos de seu bebê, é o adoecimento sadio, uma “loucura” permitida a cada mãe que, ao entrar em sintonia muito fina com seu bebê, é capaz de saber o que este precisa e do que este quer mesmo antes que ele possa conceber que queira e, quando assim o faz, ela está lá para que ele acredite que foi ele, em sua onipotência, que fez acontecer o que ele precisava que acontecesse. Poderíamos pegar emprestado de Clarice Lispector a idéia de “mentira criadora”, não no sentido que ela nos dá em seu texto, mas em outro caminho, para denominar essa capacidade de loucura permitida a toda mãe suficientemente boa e a seu bebê. Lembremos que cada palavra comporta em si mesma múltiplas leituras!! Não estaremos “mentindo” ao darmos outro sentido ao termo clariciano, estaremos verossimilhando-o (algo meio roseano, criamos palavras e sentidos para darmos conta do que não temos ainda palavras para expressar em igual intensidade...).

Uma “mentira” cria um mundo quando ela corresponde sinonimicamente à ilusão, ao espaço potencial para a criação de um mundo que nem é totalmente parte do bebê somente, assim como não é ainda o mundo real, destacado deste. Não cabe, nesse mundo criado pelo bebê, que perguntemos quem o criou primeiro, o bebê ou a mãe...

É essa “mentira” criadora ou ilusionalismo, que permite ao bebê vivenciar sua onipotência, que criará a possibilidade de este poder fantasiar e de ter segredos, sonhar e construir para si um espaço não partilhado com o mundo, mesmo que o mundo faça parte deste espaço como matéria prima.

Mas se quisermos que o bebê responda quem criou o que ele vivencia como sendo criação sua e não de mais alguém, estaríamos a pensar sobre o criar, mas pensar sobre algo não é viver necessariamente esse algo. Diz Fernando Pessoa, através de seu heterônimo Alberto Caeiro, que “pensar é estar doente dos olhos”, no caso de um bebê que pense sobre o que é a ele apresentado, ele, bebê, através de sua mãe, estaria doente dos olhos, porque os olhos maternos, que deveriam fazê-lo acreditar que o mundo é sua criação, está dizendo a ele que o mundo existe apesar e independente dele. E, se isso acontece, o que temos como resultado não é um bebê saudável e normal, e sim um bebê “doente dos olhos” e assustado com o mundo.

Não que a mãe minta a seu bebê, se ela assim o fizesse ela jamais seria o que Winnicott denominou de “mãe suficientemente boa”. Ela seria uma mãe ou “excessivamente boa”, que nem dá tempo ao seu bebê de poder querer algo, já “pensa” e “sente” por ele antes de ele querer ou poder sentir ; ou uma mãe “excessivamente má”, que imporá a seu bebê as suas necessidades, necessidades dela, mãe, e não dele, bebê. Não haveria essa sintonia fina de que falei acima entre mãe e bebê, e sim um hiato, e nesse hiato caberia ao bebê dar conta das necessidades da mãe, e ele não se encontraria no olhar materno, o que ele veria seria a própria mãe e não ele mesmo em um tempo muito anterior ao tempo em que ele poderia dar conta disso tudo.

Nesse momento se instauraria a “falsa verdade”, ou seja, a mãe, ao impor ao bebê ela mesma enquanto pessoa, antes do tempo ideal para tanto, o tempo do desilusionamento, ela imporá a falha e a falta, suprida pelo bebê ao atender às necessidades da mãe e não às dele, e o mundo para este bebê seria sempre uma farsa, uma mentira, ele não seria verdadeiro. Winnicott nos diria que aqui se situa o limite tênue entre a patologia do falso-self e a psicose.

Uma “mentira” “congela” o mundo quando ela exprime um desilusionamento

“Podemos entender que as crianças contem mentiras quando, assim procedendo, estão imitando as mentiras ditas por adultos. Mas um certo número de mentiras contadas por crianças bem-educadas possui significação especial e deveriam fazer com que seus responsáveis refletissem, de preferência a ficarem zangados. Estas mentiras ocorrem sob a influência de sentimentos excessivos de amor e se tornam momentosas quando conduzem a uma má compreensão entre a criança e a pessoa que ela ama.”

(Freud)



O que faz, então, esse bebê? Segundo Winnicott (1996), primeiro ele não faz nada, porque quando tudo está dando errado o melhor o que se tem a fazer é ficar quieto, “fica concordando com tudo, pelo fato de que uma criança não pode fazer nada mais além de concordar” (p.72). Depois, quando esse

bebê acredita que o meio poderá dar a ele de volta o que ele anteriormente tinha, ele começa a incomodar esse meio, no caso, a mãe, o pai, a família inteira, para que esse meio “acorde” e perceba que ele está, com todos os “problemas” que faz e suscita, pedindo um SOS a esse mesmo meio, pedindo que voltem a olhar para ele como antes. Esta criança “começa a sentir um impulso de voltar para antes do momento da privação, e assim desfazer o medo da ansiedade impensável ou da confusão que existiam antes que se organizasse o estado neutro. A criança fica difícil”. (p.73)

Para Winnicott (1983) “a tendência anti-social representa a esperança de uma criança carente que, afora isso é desgraçada, desesperada e inofensiva. A manifestação da tendência anti-social em uma criança significa que se desenvolveu nela alguma esperança de achar um modo de superar um vazio. Esse vazio se origina de uma dissolução de continuidade da provisão ambiental, experimentada em um estágio de dependência relativa”.(p.97)



Um bebê ou uma criança que precisa “pensar” é, como nos diz Clarice ao falar dela mesma, um bebê irritado com o mundo, porque antes de ele ter de pensar, ele sabia exatamente o que ele queria e podia ter do mundo e agora deve dizer ao mundo o que quer, e isso o torna exausto.

A essas crianças que incomodam, que trazem transtornos à sociedade, seja desde a família, à escola ou até mesmo para além delas, Winnicott denominou de crianças com tendência anti-social. São crianças que subtraem as regras sociais, desde as mais tênues, àquelas advindas de sua família como tirar um doce da bandeja quando a ordem era para não o fazer, ou fazer xixi na cama, ou quando interrogada sobre algo que foi por ela feito, ela mentir e dizer que não o fez. Os atos vistos como anti-sociais são atos simples, que acontecem diariamente dentro de casa e que os pais conseguem lidar com eles se estes forem suficientemente bons, ou seja, se eles forem limite e sustentação a essa criança sem se esquecerem do afeto e do carinho para com ela.

Mas, se algo falha nesse limite do lar, essa criança irá procurar para além dele o seu limite porque é o limite que a constitui como uma pessoa diferenciada do outro, diferenciada do meio. Ela se tornará um problema para sua turma de escola, talvez para a escola inteira. E se a escola não conseguir “barrar” seus movimentos agressivos, as suas “travessuras”, eles irão mais longe ainda, em um continuum desesperado, à procura de alguém que escute seu pedido de ajuda, pedido este que é mostrado, atuado, e não necessariamente falado e normalmente sequer conseguido ser explicado por essa criança quando argüida do porquê de seus atos. Surge aqui a mentira e o mentiroso que tantas vezes conhecemos por aí, no nosso meio, às vezes dentro de nossa própria casa.

Winnicott nos fala, em “Privação e Delinquência”, que os dois protótipos dos comportamentos anti-sociais são o roubo e a destrutividade, e a cada um deles ele significará a função materna primária e a função paterna respectivamente. Nos dois ele articula a questão da mentira. Para Winnicott (1996) o roubar está relacionado à interação com a mãe, ao desempenho de sua função materna primária, ao fato de ela exercer um holding que teria falhado. “Aqui a criança está procurando a capacidade de encontrar e não buscando o objeto” (p.74). Já a destrutividade estaria relacionada à interação com o pai. A função paterna, em Winnicott, é ser o ambiente indestrutível, aquele que sustenta a mãe, que sustenta o bebê.

Quando a criança pequena descobre que é seguro ter sentimentos agressivos e ser agressivo por causa do quadro de referência que passa a ter, dado pelo pai, ela integra os impulsos amorosos e destrutivos. “Por trás de tudo está a confiança que a criança tem na relação dos pais; a família é uma empresa que

continua funcionando” (Winnicott, 1996: 74). Caso esta família (mãe/pai) não funcione, “em vez de a esperança levar a um sinal de SOS em termos do roubo, ela conduz a um sinal de SOS em termos de uma explosão de agressão”. (Winnicott, 1996: 75)

Se roubar e destruir significam para a criança um pedido de “me olhem de novo”, “cuidem de mim”, é muito importante que entendamos que esses atos não são voluntários ou pensados racionalmente, ou seja, essas crianças que quebram carteiras, que rasgam livros, que tiram moedas das bolsas de suas mães, que levam para casa, sem querer, a lapiseira do amigo da escola, elas não sabem por que motivo agem assim. Não adianta perguntarmos a elas incessantemente por que agem dessa forma ou repetirmos máximas morais do quanto roubar ou destruir algo alheio não é bom ou é errado. Qualquer explicação que essas crianças nos derem, diante de um interrogatório feito para apurarem-se os fatos ou os motivos, levará a estórias inventadas porque se pergunta a elas o que elas nunca saberão responder de fato.

Surge, nessas crianças, a mentira como defesa e não como criação de um espaço potencial ou de um mundo que torna a vida válida de ser vivida. Essa criança se transforma, além de “baderneira” ou “ladra”, em mentirosa.

Winnicott, mais uma vez, consegue nos mostrar a sua sensibilidade clínica quanto a essa questão ao explicar, em uma palestra, o quanto é ineficiente, porque nada resolve, interrogatórios ou punições exageradas a essas crianças difíceis. Ele nos alerta que o sofrimento impingido a essas crianças e também aos pais, diga-se de passagem, porque os pais também sofrem nisso tudo, é desnecessário e que o sofrimento “essencial é deveras suficiente”.

Segundo o próprio Winnicott “uma criança não pode dar a razão real, porque a ignora e o resultado poderá ser que, em vez de sentir uma culpa quase insuportável, em conseqüência de ser mal compreendida e censurada, sua pessoa se divida em duas partes, uma terrivelmente severa e outra possuída por impulsos maléficos. A criança, então, deixa de sentir-se culpada, mas em vez disso, transforma-se no que as pessoas chamarão de mentirosa.” (p.187/188)

Freud também assinala a importância de se entender a mentira como uma defesa da criança pequena à demanda do adulto a ela. Diz-nos Freud que as crianças pequenas contam mentiras ao imitarem as mentiras ditas por adultos, mas que há mentiras contadas “por crianças bem-educadas que possuem significação especial e deveriam fazer que os seus responsáveis refletissem de preferência a ficarem zangados. Estas mentiras ocorrem sob a influência de sentimentos excessivos de amor e se tornam momentosas quando conduzem a uma má compreensão entre a criança e a pessoa que ela ama.” (p.331, volume XII)

Dessa forma chegamos ao significado da mentira para as crianças anti sociais, ou para esse tipo de criança que cada um de nós já conheceu um dia alguma, ou por algum momento de nossa vida já foi uma também. Esta mentira é a tentativa de dar ao adulto uma explicação que a criança não encontra em si mesma, mas ela tenta se explicar e aí inventa uma estória, e depois outra e outra, enquanto for obrigada a falar do que não sabe e enquanto temer muito as conseqüências de não saber explicar com exatidão o que fez. Ela acredita no que fala porque o que ela fala é aquilo que ela consegue encontrar como resposta ao ato feito, não importa se roubou ou destruiu algo, logo para ela a mentira é verdade, a verdade de que ela nada sabe, ela é ingênua nessa questão, e a mentira somente ocupa o lugar da verdade que os adultos não enxergam: que ela não sabe por que fez o que fez.

"E sempre bom lembrar
 Que um copo vazio
 Está cheio de ar

Copo Vazio
 Gilberto Gil

E sempre bom lembrar
 Que o ar sombrio de um rosto
 Está cheio de um ar vazio
 Vazio daquilo que no ar do copo
 Ocupa um lugar

E sempre bom lembrar
 Guardar de cor
 Que o ar vazio de um rosto sombrio
 Está cheio de dor

E sempre bom lembrar
 Que um copo vazio
 Está cheio de ar

Que o ar no copo
 Ocupa o lugar do vinho
 Que o vinho ocupa o lugar da dor
 Que a dor ocupa a metade da verdade
 a verdadeira natureza interior

Uma metade cheia
 Uma metade vazia
 Uma metade tristeza
 Uma metade alegria (...)"



A mentira ocupa o lugar do vazio, daquilo que a criança não sabe ; o ato de roubar e o ato de destruir ocupam o lugar do desilusionamento por parte dessa criança em relação ao meio que deveria ter cuidado dela de forma correta e não fez isso; o desilusionamento ocupa o lugar daquilo que jamais deveria ter falhado: a função materna primária, ou seja, a mãe, ela não poderia ter falhado tanto, não naquela hora, não naquele tempo, não naquele momento...

A criança desilusionada é metade tristeza, metade alegria; a "metade tristeza" sai em busca da parte perdida, e por isso incomoda. Não perguntemos mais a ela por que mente ou por que faz o que faz, perguntemos a nós, adultos, o que fizemos para que essa criança, de repente, passe a ser um incômodo e um problema, e aí estaremos também não mentindo para nós mesmos ao nos dizermos que estamos sempre certos. Relembremos Clarice Lispector, lá no início de nosso caminhar, quando ela já nos avisava que o que irritava a ela era que "que tudo tem de ser 'do modo certo', imposição muito limitadora", e essa seria a falsa verdade, algo muito pior do que mentir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cameiro, M. de S.(1995) **Poesia**.São Paulo: Iluminuras.
- Gil, G. *Copo Vazio* (canção)
- Lispector, C.(1999) **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pessoa, F.(1995) *Livro do desassossego*.São Paulo: Brasiliense.
- Winnicott, D.W (1982) Aspectos da delinqüência juvenil. Em Winnicott, D.W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Winnicott, D.W (1982) A moralidade inata do bebê. Em Winnicott, D.W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Winnicott, D.W (1982) Roubar e dizer mentiras. Em Winnicott, D.W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Winnicott, D.W (1983) Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? (1959-1964). Em Winnicott, D.W **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W (1983) Moral e educação (1963). Em Winnicott, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W (1983) Psicoterapia dos distúrbios de caráter (1963). Em Winnicott, D.W **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas
- Winnicott, D.W (1983) Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960) Em Winnicott, D.W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1987) **Privação e delinqüência** São Paulo: Martins Fontes

Winnicott, D.W. (1996) Agressão, culpa e reparação (1960). Em Winnicott, D.W. **Tudo começa em casa** São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (1996) **A delinqüência como sinal de esperança** (1967). Em Winnicott, D.W. **Tudo começa em casa** São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (2000) Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas Rio de Janeiro: Imago.